



## EM BUSCA DE UM PASSADO: A COLONIZAÇÃO E O MITO DE ORIGEM DE PETROLÂNDIA (SC)

Vivian Staroski\*

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

[vivistaroski@gmail.com](mailto:vivistaroski@gmail.com)

Paulo Rogério Melo de Oliveira\*\*

Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI

[paulo\\_rmo@hotmail.com](mailto:paulo_rmo@hotmail.com)

**RESUMO:** O artigo discute a construção do passado e a busca pelas origens no município de Petrolândia, no Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina. No final do século XX e início do século XXI, identificamos o despertar de um interesse, manifestado pela administração pública, pelo passado histórico do município, num contexto regional marcado pela busca e afirmação de identidades locais como fator de promoção cultural e desenvolvimento econômico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Petrolândia – Mito de Origem – Alto Vale do Itajaí – Memória

## SEARCHING FOR A PAST: COLONIZATION AND THE MYTH OF ORIGIN OF PETROLÂNDIA (SC)

**ABSTRACT:** The article discusses the construction of the past and the search for origins in the town of Petrolândia in Alto Vale do Itajaí, Santa Catarina. In the late twentieth century and early twenty-first century, we identified the awakening interest manifested by the public administration, of the historical past of the city, in a regional context marked by the search and assertion of local identities as cultural promotion and economic development factor.

**KEYWORDS:** Petrolândia – Origin Mith – Alto Vale do Itajaí - Memory

---

\* Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

\*\* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professor da Universidade do Vale do Itajaí – SC (UNIVALI).

Tão importante quanto estudar o passado é estudar as visões e os usos que, no presente, dele se fazem. As releituras do passado são motivadas pelas diferentes demandas e pelas configurações políticas e sociais do presente. Envolvem relações de poder, interesses de grupos, perspectivas políticas e institucionais, que determinam nosso olhar e orientam nosso movimento em direção ao passado.<sup>1</sup> Não nos referimos apenas aos historiadores. O interesse pelo passado mobiliza variados sujeitos – prefeituras, secretarias de eventos, grupos políticos, movimentos sociais, empresas, etc., – e engendra diferentes estratégias de agenciamento. A memória da colonização, por exemplo, seja de uma cidade ou de uma Nação, pode servir aos interesses de grupos ligados ao turismo, às festas regionais, às identidades locais, a interesses familiares ou projetos de desenvolvimento ou conservação do patrimônio histórico e cultural. Nestes casos, a memória é instrumentalizada em função das exigências do presente e implica numa reordenação do passado para atender a essas exigências. Certos elementos do passado são então selecionados e reordenados de acordo com as expectativas dos grupos que o reivindicam. Trata-se de um recorte seletivo que identifica lugares, personagens e acontecimentos que correspondam aos interesses em questão.

Geralmente esse interesse é despertado por situações de crises políticas e institucionais,<sup>2</sup> por eventos comemorativos ou ainda por necessidades econômicas. Nesse último caso, o passado é acionado para chamar a atenção externa para as particularidades históricas, ecológicas e arquitetônicas de uma determinada Nação, município ou região, visando à promoção da comunidade. Nosso interesse neste estudo esta voltado para a construção do passado no município do Petrolândia, na região do Alto Vale do Itajaí, em Santa Catarina, num contexto regional marcado pela busca e afirmação de identidades. De acordo com as narrativas oficiais do município, Petrolândia foi colonizada nas décadas iniciais do século XX por migrantes alemães oriundos das antigas áreas de colonização europeia em Santa Catarina. Embora a efetiva colonização tenha ocorrido com a chegada das famílias de colonos alemães que se

---

<sup>1</sup> O passado “que conhecemos, de acordo com Keith Jenkins, é sempre condicionado por nossas próprias visões, nosso próprio ‘presente’. Assim como somos produtos do passado, assim também o passado conhecido (a história) é um artefato nosso”. JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001, p. 33.

<sup>2</sup> Segundo Raoul Girardet, os apelos mais veementes ao passado ocorrem em tempos de crises políticas, de desequilíbrio, de incerteza ou de “crise de legitimidade” que abalam o presente. GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologia políticas**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p. 86-96.

fixaram em lotes e fundaram as primeiras comunidades, não podemos desconsiderar a importância, ou a presença, dos demais sujeitos, povoadores ou não, que interagiram com os colonos e com o espaço. O lugar que mais tarde passaria a se chamar Petrolândia era habitado, no século XIX e início do século XX, pelos xokleng, tropeiros, caboclos e, mais tarde, por colonos alemães que, de diferentes maneiras, contribuíram para a construção do espaço. Os xokleng habitavam sazonalmente o território. São muitas as narrativas orais existentes em Petrolândia sobre os encontros, pacíficos ou não, dos primeiros colonizadores com os grupos indígenas que ali viviam.<sup>3</sup> A área era também percorrida por remanescentes do tropeirismo que cruzavam o “caminho do sul” e cortavam a região realizando comércio em direção aos campos de Lages. Os caboclos também já estavam instalados na região, praticando agricultura de subsistência e um comércio itinerante entre as localidades do Alto Vale, Lages e Curitiba, quando as primeiras famílias alemãs ali chegaram. Eram, em parte, descendentes de açorianos ou de origem lusa que subiam o litoral em direção a serra ou vinham do Rio Grande do Sul seguindo pelos antigos caminhos das tropas.<sup>4</sup> A reconstrução do passado de Petrolândia apenas a partir da memória dos colonos alemães ficaria bastante incompleta. As relações que mantiveram com tropeiros, índios e caboclos, que já viviam na região há mais tempo, foram fundamentais para a adaptação e permanência no lugar. Todavia, embora os tropeiros e os caboclos tenham sido os primeiros, após os índios, a percorrer e se fixar naqueles espaços, não foi a atividade comercial nem a agricultura de subsistência daquelas gentes que desencadeou o processo de ocupação. Embora eles tenham desempenhado um papel importante no abastecimento dos primeiros núcleos de povoamento, e alguns deles tenham se fixado a terra, a efetiva ocupação só ocorreu com o fluxo de colonos de outras áreas de colonização europeia. Em busca de novas terras, os colonos alemães deixavam as “colônias velhas” de Angelina, Águas Mornas, São Bonifácio, São Pedro de Alcântara e do município de Palhoça,<sup>5</sup> rumo “Rio abaixo”, ou seja, desciam pelo Rio Itajaí do Sul na direção de Alfredo Wagner e Bom Retiro, e dali

---

<sup>3</sup> Ver STAROSKI, Vivian. **A colonização e a construção do espaço petrolandense na primeira metade do século XX**. 2011. 143 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

<sup>4</sup> Ibid.

<sup>5</sup> A antiga freguesia de Palhoça, pertencente ao município de São José, foi elevada a categoria de município em 1894. Pertenciam à Palhoça as freguesias de Santo Amaro do Cubatão, Águas Mornas, Enseada do Brito e Garopaba. Ver FARIAS, Wilson Francisco. **São José: 250 anos. Natureza, história, cultura**. São José: Editora do autor, 2001, p. 146.

para as “novas colônias” do Alto Vale. Foi neste movimento migratório que as famílias alemãs alcançaram as terras que hoje sediam Petrolândia.

São raríssimos os estudos históricos sobre este movimento migratório e a colonização desta parte do Alto Vale. As poucas narrativas existentes caracterizam-se por uma abordagem tradicional, descritiva, baseada nas iniciativas oficiais ou de particulares ilustres que colonizaram a região. Dos municípios do Alto Vale, entretanto, Petrolândia é um caso a parte. É um dos poucos municípios que não tem sua trajetória histórica narrada num livro. Nenhum historiador local dedicou-se a esta tarefa. Existem apenas trabalhos não publicados de conclusão de curso e de especialização em história escritos por professores de história do município. No limiar do século XX, porém, identificamos o surgimento de um interesse pelo passado histórico de Petrolândia, não manifestado anteriormente. A constatação da inexistência de um livro narrando sua história, talvez tenha sido o motivo mais imediato que levou a prefeitura de Petrolândia a elaborar um pequeno histórico, no sentido de estabelecer uma origem para o município, a partir da chegada dos primeiros colonizadores. Uma dessas narrativas históricas, de caráter oficial, pode ser encontrada no site oficial da Prefeitura, elaborado em 2000. O marco fundante da cidade está associado às figuras de Horácio Coelho e Jango Rodrigues. O site, que trata de dar uma cara para a cidade, apresentando-a como “Cidade Sorriso”, com “gente amiga, simpática e hospitaleira”, procura também fixar-lhe uma origem. Mesmo fazendo alusão aos índios, os pioneiros são os homens brancos:

PETROLÂNDIA, com 6.406 habitantes segundo o CENSO do IBGE de 2000, é conhecida como a CIDADE SORRISO do Alto Vale do Itajaí, por sua gente amiga, simpática e hospitaleira. Inicialmente denominada Alto Perimbó, a área onde se localiza PETROLÂNDIA, ao longo do Rio do Perimbó, era habitada inicialmente por índios. Em tupi-guarani Perimbó significa “buraco”. Foi colonizada por gaúchos e catarinenses procedentes do Planalto Serrano e, em 1915, por famílias de origem alemã vindas do sul do estado. Petrolândia teve como pioneiros os Senhores Horácio Coelho, que se estabeleceu na localidade de Serra Grande e Jango Rodrigues, que se estabeleceu na localidade de Rio do Jango, denominação esta, atribuída em sua homenagem.<sup>6</sup>

Horácio Coelho e Jango Rodrigues, luso-brasileiros que teriam se estabelecido na região, são identificados como os pioneiros. O pioneirismo é uma das manifestações

---

<sup>6</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE PETROLÂNDIA – SC. Sistema desenvolvido em parceria com a Federação Catarinense de Municípios – FECAM e integrado à RedeCIM – Rede Catarinense de Informações Municipais, com o apoio da AMAVI. Disponível em: <[www.petrolandia.sc.gov.br](http://www.petrolandia.sc.gov.br)>. Acessado em: 21 abr. 2009.

do mito de origem. O mito fundador, o que explica a criação, traz sempre consigo uma mensagem, explícita ou implícita, sobre o começo, o início de algo. Horácio Coelho foi eleito o primeiro branco, o que trouxe a civilização. Ele representa o ponto de partida, o marco histórico, a referência primeira que desencadeou o processo de civilização. Da mesma forma, toda cultura necessita de um relato para explicar sua origem e seu destino. O mito de origem é, assim, o eixo a partir do qual se constroem as identidades coletivas. Eles respondem a pergunta fundamental de toda comunidade (como se constituiu esta comunidade?) Este tipo particular de explicação consiste essencialmente na função do mito, que narra os eventos fundantes a partir dos quais uma cidade, por exemplo, passou a existir. No seu sentido antropológico, o mito apresenta-se como a solução imaginária para as tensões, conflitos e demandas de uma sociedade.<sup>7</sup> Para Marilena Chauí, os mitos fundadores, “à maneira de toda *fundatio*”, impõem um “vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva permanente no presente”.<sup>8</sup> Para a autora, em casos como esses, de busca por uma origem, pela figura de um fundador, é mais apropriado o uso da expressão “fundador” e não “formação”. A noção de fundação se refere “a um momento passado imaginário, tido como instante originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa a algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido”.<sup>9</sup> A fundação, conclui Chauí: “Aparece como emanando da sociedade e, simultaneamente, como engendrando essa própria sociedade da qual ela emana. É por isso que estamos nos referindo à fundação como mito”.<sup>10</sup>

No ano de 2000, juntamente com o site oficial, a Prefeitura Municipal de Petrolândia lançou vários projetos de “resgate histórico” e tratou de construir um “Histórico do Município”, que se encontra na biblioteca da prefeitura, que serve hoje de base para contar a história de Petrolândia. O “Histórico” traz as mesmas informações encontradas no site da prefeitura sobre a colonização e o pioneirismo de Horácio Coelho

---

<sup>7</sup> CHAUI, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000, p. 9.

<sup>8</sup> Um mito fundador, segundo Chauí, “é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e novas ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo”. Ibid.

<sup>9</sup> Ibid., p. 9.

<sup>10</sup> Ibid., p. 10.

e Jango Rodrigues. A mesma versão, registrada da mesma forma nos dois documentos, produz um efeito de veracidade e confere ao município um passado autorizado que pode ser reivindicado como próprio. Se o “Histórico” é um documento mais reservado, de uso mais restrito, o site, ao contrário, oferece um documento público, ao alcance de todos, que identifica no passado as origens da colonização.

Embora mencionado no “Histórico”, Jango Rodrigues é bem menos conhecido que Horácio Coelho. Recorremos aos moradores mais velhos da cidade para obtermos informações, por meio de entrevistas, sobre os personagens. Seu Avelino Momm, um dos moradores mais antigos da cidade, e que conheceu pessoalmente Horácio, quando perguntado sobre Jango, disse: “Jango Rodrigues para mim é desconhecido, na época tinha um Jango Coelho, conhecido como cabo Jango, que era inspetor de quarteirão”.<sup>11</sup> Por outro lado, Seu Lalau Tives, outro antigo morador, relatou uma caçada da qual participou Jango Rodrigues.<sup>12</sup> Esse personagem, de acordo com a tradição local e a memória de alguns antigos moradores, viveu na localidade conhecida hoje como Rio do Jango, que leva esse nome em sua homenagem.

No mesmo ano de elaboração do “Histórico do Município” a prefeitura construiu um túmulo, ou mausoléu, para Horácio, uma homenagem simbólica à memória do fundador. Na lápide foi registrada a seguinte inscrição: “Homenagem dos petrolandenses a Horácio Coelho, pioneiro do município.” Nas escolas, as gincanas, desde este período, são sempre voltadas à história da cidade, e Horácio Coelho aparece como figura destaque. Nos tradicionais desfiles cívicos de 7 de setembro também teve espaço para homenagens “ao pioneiro”. Todos esses projetos foram realizados na gestão 1997–2000. Percebe-se nessas iniciativas um esforço coordenado de “resgate histórico” do passado da cidade, no sentido de oficializar sua origem. Podemos considerar o túmulo e as homenagens ao pioneiro como monumentos, seguindo a definição que Le Goff emprestou ao termo:

[...] o monumentum é um sinal do passado. Atendendo suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos. [...] O

<sup>11</sup> MOMM, Avelino Dionísio. Entrevista concedida a Vivian Staroski e Paulo Rogério Melo de Oliveira em setembro de 2009. Seu Avelino nasceu em 1927, na localidade de Cerro Negro, em Ituporanga. Em 1935 mudou-se com a família para Perimbó (hoje Petrolândia). Aposentado, reside hoje no bairro estreito, em Florianópolis.

<sup>12</sup> TIVES, Ladislau Alves. Entrevista concedida a Vivian Staroski e Paulo Rogério Melo de Oliveira em junho de 2009. Seu Lalau nasceu em 1923, na localidade de Cabará, Bom Retiro. Posteriormente mudou-se para Serra Grande, em Petrolândia. Agricultor aposentado, faleceu em 2013.



monumento tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado a memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só uma parcela mínima são testemunhos escritos.<sup>13</sup>

Todos esses eventos ligados à figura do “pioneiro” celebram o marco inaugural da cidade. Celebrar, etimologicamente, significa tornar célebre um determinado momento ou acontecimento da vida. Em termos históricos, comemorar é um movimento de retorno ao passado para trazê-lo à memória. É relembrar com, é tornar presente, ou reatualizar algum evento significativo que se deseja preservar. O ato de celebrar faz parte da vida humana. É uma ruptura da rotina cotidiana. Em grande medida as comemorações servem para ritualizar a história, reinventando o passado. Talvez porque a comemoração torne-se mais real, mais intensa que o acontecimento em si. As comemorações, ou ainda, a produção das comemorações, serve para reforçar os mitos e escolher o que melhor funciona no momento presente.<sup>14</sup> Ao celebrar a memória do fundador cria-se uma ponte com o passado por onde esse passado ritualizado atualiza-se a cada celebração, a cada comemoração. A memória oficial, no entanto, para ter credibilidade e ser aceita pelo grupo deve ser justificada, registrada e celebrada. Isso explica o esforço da prefeitura para organizar e instaurar na cidade um culto à figura do fundador. Preservar a memória, lembra Célia Camargo, significa construir memória. “E como ocorre em toda construção, prossegue a autora, essa atividade humana envolve os julgamentos e as escolhas que sustentam a produção de bens simbólicos”.<sup>15</sup>

A memória das origens, materializada nos monumentos e nas celebrações, cumpre a função de criar laços simbólicos entre o presente e o passado. Neste sentido, nos parece apropriada a observação de Michel Pollak a respeito do modo como nos identificamos com os monumentos erguidos em homenagem ao passado: “Quando

---

<sup>13</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 535.

<sup>14</sup> Cf. SÁ, Antônio Fernando de Araujo. **Combates entre a história e a memória**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

<sup>15</sup> CAMARGO, Célia Reis. A construção da memória na sociedade global. Identidades sociais: local X global. **Patrimônio e memória**, UNESP, v. 2, n. 2, p. 52, 2006. Segundo a autora, as “celebrações são formas de perpetuar valores, saberes, modos de viver, criações artísticas, hábitos, enfim fatos considerados fundantes e reveladores de um tempo, de uma sociedade e de suas mais caras convicções”.

vemos esses pontos de referência de uma época longínqua, frequentemente os integramos em nossos próprios sentimentos de filiação e origem”.<sup>16</sup>

O túmulo em homenagem ao fundador e as festas comemorativas – gincanas e desfiles cívicos – podem ainda ser considerados como aquilo que Pierre Nora chamou de “lugares de memória”. De acordo com Nora:

Os lugares da memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora. [...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de uma outra era, das ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralização passageira numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo.<sup>17</sup>

O conceito de lugares da memória vai além dos espaços conferidos aos monumentos públicos e as celebrações, porém, estes não podem ser descartados enquanto lugares da memória. Além disso, o conceito pode ser utilizado para descrever as homenagens a Horácio Coelho por incorporar tanto os aspectos espaciais quanto temporais da memória do fundador. O túmulo celebrativo, como um lugar físico, e as festas cívicas, permitem aos petrolandenses manter um contato mais concreto com a memória do “pioneiro” e, por conseguinte, presentificar o passado por meio desses rituais de evocação da memória. Nesses rituais a sociedade celebra e cultua o passado, que é revivido civicamente e resguardado do desaparecimento. Horácio Coelho, celebrado e ritualizado nas festas cívicas, no cemitério e nos históricos oficiais, torna-se a figura mítica do município, marco de uma identidade coletiva. As demandas do presente buscam no passado referências históricas a partir das quais inventam sua história na direção do futuro.<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. In: GOMES, Ângela de Castro; MOURA, Gerson; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Estudos históricos**, São Paulo, v. 2 n 3, p. 10, 1989.

<sup>17</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: o problema dos lugares. Tradução de Yara Aun Houry. **Projeto História**: Revista do Programa de estudos de Pós-Graduação em História da PUC, São Paulo, v. 10, p. 12-13. jul./ dez. 1993.

<sup>18</sup> Usamos a expressão invenção com a intenção de exprimir a leitura que se faz do passado a partir de determinados interesses e relações de força e poder do presente.



Essa celebração, ou esse súbito interesse pelo passado, não é sem motivos. Ocorre num momento muito significativo para a região do Alto Vale do Itajaí. Petrolândia, como todas as cidades do Alto Vale, pertence à AMAVI (Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí). A AMAVI, fundada na década de 1960, tem sua sede no município de Rio do Sul, capital do Alto Vale. Foi criada com o propósito de estimular a integração e o desenvolvimento regional. A iniciativa partiu de um grupo de prefeitos que decidiu somar esforços para enfrentar e superar os problemas estruturais da região.<sup>19</sup> De acordo com Arnaldo Haas Júnior, a AMAVI, com o objetivo de divulgar os atrativos e captar investimentos para o desenvolvimento regional, “se utiliza de alguns suportes para promover a identidade coletiva, ou seja, procura indicar elementos que não se restringem apenas a este ou aquele município da região” Com esse intuito, “apela-se então para as origens do processo de colonização, enfatizando-se as ações dos antepassados europeus”.<sup>20</sup> Entende-se, portanto, que o impulso legitimador da busca pelas origens nos municípios do Alto Vale tenha partido da AMAVI. Embora o projeto da Associação, sintetizado na publicação “Potencialidades e Oportunidades de Investimentos para o Alto Vale do Itajaí” tenha vindo a público em 2004, a atuação da AMAVI junto aos municípios já vinha de mais tempo. Nessa publicação aparecem pequenos históricos dos municípios, semelhantes aos históricos referidos sobre Petrolândia. Apesar de individualizados, salienta Arnaldo Hass, esses históricos enfatizam os aspectos comuns a todos os municípios.

Inferimos que o interesse pelo passado de Petrolândia, no limiar do século XXI, e a busca pelas origens e pela figura do pioneiro se inserem neste contexto de

---

<sup>19</sup> Na revista da AMAVI, publicada em 2004, por ocasião dos 40 anos de fundação da Associação, foi publicado um texto intitulado “E Assim começou...”. De acordo com o texto: “Na década de 60, enquanto o Brasil era sacudido por questões políticas importantíssimas, a pequena região formada então por 20 municípios, embalada pelo movimento revolucionário instaurado no país, também queria mais. Prefeitos com recursos escassos enfrentavam isoladamente problemas complexos num contexto de dificuldades onde o associativismo, através do somatório de vozes e forças, apresentava-se como um caminho possível a ser percorrido no enfretamento de questões de ordens estruturais, organizacionais, sociais, econômicas e administrativas entre tantas outras. Câmara Júnior, capítulo Rio do Sul, em 7 de novembro de 1964, reuniu os prefeitos das 20 cidades que formavam a região, objetivando a constituição de uma entidade que, trabalhando a falta de integração de seus pares, priorizasse o atendimento de causas regionais”. HISTÓRICO. Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – AMAVI. Disponível em: <<http://www.amavi.org.br/historico/>>. Acesso em: 21 set. 2010.

<sup>20</sup> JÚNIOR, Arnaldo Hass. A AMAVI e o “Projeto Resgate do Patrimônio Histórico”: identidade regional e indústria do turismo. Alto Vale do Itajaí – SC (2006-2009). In: **IV Congresso Internacional de História**, 2009, Maringá. Anais do IV Congresso Internacional de História, Maringá, 2009, p. 3866. Disponível em: <http://www.pph.uem.br/cih/anais/trabalhos/348.pdf> Acesso em: 15 jul. 2015

integração e desenvolvimento regional, baseado em parte nos aspectos culturais e históricos da região, promovidos pela AMAVI. Os municípios, apesar de integrarem a mesma região, e de participarem de uma mesma identidade, segundo a Associação, deviam apresentar suas singularidades históricas e as atrações turísticas, com vistas a promovê-los. O “Projeto de Resgate do Patrimônio Histórico” criado no ano de 2006, numa parceria dos 28 municípios do Alto Vale com a AMAVI, deixa essa busca, ou “resgate”, do passado bastante explícito. Como podemos ler no “Projeto”:

A região foi colonizada a partir do século passado por descendentes de imigrantes europeus, em sua maioria italianos e alemães. Cada etnia trouxe consigo culturas específicas que, aliadas a cultura dos nativos deram significado histórico expressivo para o Alto Vale do Itajaí. Estes valores e tradições herdados estão desaparecendo com o passar dos anos. Se medidas de incentivo a sua preservação não acontecerem, os remanescentes deixarão de existir e a memória dos antepassados se apagará.<sup>21</sup>

Com uma visão empresarial, que identifica no passado as potencialidades para o desenvolvimento regional, a AMAVI propõe que:



Os recursos históricos e culturais são potencialidades indispensáveis ao desenvolvimento sustentável da região. Para isto, é necessário sensibilizar, identificar, resgatar, preservar, valorizar e, indiscutivelmente, proteger o patrimônio cultural das cidades, seja este material ou imaterial.<sup>22</sup>

Ainda segundo o “Projeto”, o “Patrimônio cultural”:

Seja ele histórico ou moderno, deve, obrigatoriamente, estar sendo discutido e preservado pelas entidades e comunidades locais e regionais, como parte da história, aplicando-o em áreas sócio-econômicas e ambientais, como forma de agregação de valores à sociedade atual e futura.<sup>23</sup>

Com essa iniciativa a AMAVI e seus idealizadores pretendiam sensibilizar os órgãos públicos e as comunidades da região para o valor do patrimônio material e imaterial como catalisador do desenvolvimento. O apelo no sentido do “resgate” desse patrimônio foi formulado nos seguintes termos:

Através da Carta de Intenções, a AMAVI pretende desencadear, sugerir e participar de ações capazes de efetivar a preservação e a proteção do patrimônio histórico e cultural regional, despertando no

<sup>21</sup> HISTÓRICO. Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – AMAVI. Disponível em: <<http://www.amavi.org.br/historico/>>. Acesso em: 21 set. 2010.

<sup>22</sup> Ibid.

<sup>23</sup> Ibid.

poder público e na comunidade regional o interesse para a gestão consciente e ordenada dos recursos disponíveis às futuras gerações.<sup>24</sup>

A partir de iniciativas como esta, todos os municípios do Alto Vale se empenharam na busca pelas origens. Esse “resgate” do passado começa pela identificação das riquezas naturais e da arquitetura, convertidas em “patrimônio”, herdadas dos antepassados e dos homens, identificados como pioneiros, que simbolizam o ponto de partida. Embora apresentando singularidades e personagens distintos, todos os municípios têm o seu mito de origem ligado à figura de um fundador, de um pioneiro, de um desbravador que abriu caminhos nas matas, habitat dos índios, edificou os sinais distinguíveis de civilização, e abriu uma senda por onde vieram os colonos e suas famílias povoar a área. As datas festivas dos municípios fazem referência ao dia da chegada do pioneiro ou das famílias pioneiras. O mito de origem de Ibirama, por exemplo, aponta o dia 8 de dezembro de 1897 como a data de sua fundação oficial. Alfred Sellin, Diretor da Sociedade Colonizadora Hanseática, chegou à região, acompanhado de algumas pessoas, e ali fundou a Colônia Hamônia, depois denominada Ibirama.<sup>25</sup> O município de Presidente Getúlio marcou o dia 1 de julho de 1904 como o dia de sua fundação. Um grupo de imigrantes de nacionalidade suíça, liderado por Karl Alexander Von Wettsteis, funcionário da Sociedade Colonizadora Hanseática, fez acampamento na confluência do Rio dos Índios e o Rio Krauel. No mesmo dia, nos informa o site da prefeitura, derrubaram a primeira árvore “para simbolizar o início da colonização e caracterizar a amizade e união entre eles. Após o simbólico gesto, denominaram o lugar de Neu Zürich em homenagem a sua cidade e a sua pátria. Iniciou-se, assim, uma pequena colônia suíça”.<sup>26</sup>

Mesmo inexistindo uma narrativa escrita sobre o passado histórico de Petrolândia, uma rica tradição oral conserva a memória dos primeiros tempos, e a repassa de geração a geração. As escassas informações reunidas do site e no Histórico do Município levaram-nos a buscar nessas narrativas orais outras informações sobre o personagem Horácio Coelho. Algumas pessoas que conviveram com Horácio e outras

---

<sup>24</sup> HISTÓRICO. Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – AMAVI. Disponível em: <<http://www.amavi.org.br/historico/>>. Acesso em: 21 set. 2010.

<sup>25</sup> GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Município de Ibirama. Disponível em <http://www.sc.gov.br/index.php/municipios-i/ibirama> Acesso em 15 jul. 2015

<sup>26</sup> MUNICÍPIO DE PRESIDENTE GETÚLIO. Disponível em <http://www.presidentegetulio.sc.gov.br/> Acesso em 07 ago. 2010.

que “ouviram” narrativas a seu respeito são nossas fontes de acesso àqueles tempos. Em geral, a tradição oral da cidade confirma Horácio Coelho como um dos primeiros homens a se instalar em Perimbó. Seu Ladislau Tives foi um dos primeiros moradores do Perimbó. Conheceu Horácio Coelho e ainda lembra-se de várias situações envolvendo o “pioneiro”. Lembrava-se, por exemplo, do lugar onde morava:

[...] o Horácio morava ali, mas no mesmo reduto, ali embaixo da Serra era só a casa do Horácio que tinha não tinha outra casa. Ele tinha amizade com os índios, ele tinha aquela doença e falam que os índios que curou ele.<sup>27</sup>

Horácio, de acordo com a memória local, apresentava um ferimento no nariz. Para alguns era um “câncer”, para outros a história era diferente. Seu Avelino Dionísio Momm conheceu Horácio, mas as lembranças vêm das histórias que seu pai contava:

O Horácio, quando conheci não tinha nariz, era uma cicatriz estranha, ele falava tudo fanho. Mas quem contava como ele chegou no Perimbó era meu pai. Contava também que ele quem curou foram os índios, com as ervas do mato aí. Depois ele ficou um tempo com os índios até fazer uma cabaninha ali na Serra.<sup>28</sup>

Seu Avelino lembra que Horácio era tropeiro, levou um coice de uma mula e foi abandonado pelos companheiros que acreditavam que ele iria morrer e não podiam ter um incomodo durante as viagens. O pai de seu Avelino tinha uma casa de comércio no Perimbó, onde os tropeiros iam comprar mantimentos quando desciam a serra. Horácio tinha um lugar cativo na venda e um copo próprio onde bebia uma “pinguinha”.<sup>29</sup>

Quanto ao Horácio Coelho conheci pessoalmente. Morava no Costão da Serra Grande e ia seguido na praça. Tinha um cavalo vermelho bem tratado e era freguês lá na casa. Consta o nome dele nos livros da venda. Fazia compras, tomava um traguinho, montava a cavalo e ia embora a passo. O cálice da pinga era exclusivo dele, quando ia embora era lavado e guardado para a próxima vinda.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> TIVES, Ladislau Alves. Entrevista concedida a Vivian Staroski e Paulo Rogério Melo de Oliveira em junho de 2009. Seu Lalau nasceu em 1923, na localidade de Cabará, Bom Retiro. Posteriormente mudou-se para Serra Grande, em Petrolândia. Agricultou aposentado, faleceu em 2013.

<sup>28</sup> Ibid.

<sup>29</sup> MOMM, Avelino Dionísio. Entrevista concedida a Vivian Staroski e Paulo Rogério Melo de Oliveira em setembro de 2009. Seu Avelino nasceu em 1927, na localidade de Cerro Negro, em Ituporanga. Em 1935 mudou-se com a família para Perimbó (hoje Petrolândia). Aposentado, reside hoje no bairro estreito, em Florianópolis.

<sup>30</sup> Ibid.

Numa segunda entrevista, Seu Avelino lembrou de outros detalhes sobre Horácio Coelho:

Era moreno, estatura média e meia idade. Tinha um problema que era o nariz achatado, pelo nos falava havia recebido o coice de uma mula, que era madrinheira de tropa e o patrão o abandonou e que os bugres haviam lhe curado. A fala era prejudicada pelo ocorrido, mas dava para entendê-lo muito bem.<sup>31</sup>

Horácio, segundo Seu Avelino, vivia solitário e se sustentava com as roças que cultivava. Provavelmente Horácio Coelho tenha sido um daqueles tropeiros luso brasileiros, ou lageanos como eram chamados, que atravessavam aquelas serras realizando pequenas trocas comerciais. O senhor Ralf Stockburger também conheceu o “véio” Horácio. Contou que seu pai veio da Alemanha em 1923 e logo depois de comprar terras em Rio do Sul motivado por amigos, comprou terras em Perimbó. Seu Ralf nasceu em 1926 e, como Seu Avelino, lembra-se de Horácio Coelho:

[...] Índio no tempo do falecido Horácio eles passavam aqui no Rio de Dentro, na terra do Seu Eger. Ele (Horácio) morava na Serra ali perto da serraria. Ele vinha muito na nossa casa, a falecida minha mãe muita bolachinha fez pra ele.<sup>32</sup>

Mesmo com a confluência de narrativas – oficiais e a memória local – que apontam Horácio Coelho como pioneiro, não é difícil supor que ele não tenha sido o primeiro. A região tinha uma ampla área de mata virgem e várias divisas. Na localidade de Indaiá faz-se limite com o município de Ituporanga, e é difícil dizer se ali não se estabeleceu o primeiro morador, pois é o lugar mais próximo da estrada de onde veio a grande maioria dos migrantes. Existe, no entanto, uma necessidade de se fixar uma origem. Não importa se ele foi ou não foi o primeiro a fixar-se, mais importante que isso é estabelecer uma origem, um começo, ou “gênesis”, o marco a partir do qual se possa contar a história da cidade.

Seu Avelino, que foi morar no Perimbó em 1935, fala sobre a dificuldade em apontar uma única pessoa e elegê-la como primeiro morador. Como vimos, conheceu

---

<sup>31</sup> MOMM, Avelino Dionísio. Entrevista concedida a Vivian Staroski e Paulo Rogério Melo de Oliveira em setembro de 2009. Seu Avelino nasceu em 1927, na localidade de Cerro Negro, em Ituporanga. Em 1935 mudou-se com a família para Perimbó (hoje Petrolândia). Aposentado, reside hoje no bairro estreito, em Florianópolis.

<sup>32</sup> STOCKBURGER, Ralf. Entrevista concedida a Vivian Staroski e Paulo Rogério Melo de Oliveira em maio de 2009. Seu Ralf nasceu em 1926, em Petrolândia. Agricultor, viveu toda sua vida no município.

Horácio Coelho e acredita que ele foi “um dos primeiros” a se estabelecer na localidade. Mesmo assim insiste na dificuldade em confirmar isso:

[...] antes de essa colonizadora (se refere à **Colonizadora Catarinense**) vender os lotes aqui se tivesse algum morador era esporádico que eu duvido muito, por que quando nos chegamos no Perimbó era só mato. Ali em 35 tinha pouquíssimas casas ali. Isso aí quando deu a corrida que venderam os lotes foi gente de todo lado que comprou, saiu a colonização.<sup>33</sup> [Destaque meu]

Mais especificamente sobre o pioneirismo de Horácio, Seu Avelino apresentou a seguinte versão:

Quanto ao pioneirismo de Horácio Coelho [...] é muito difícil ou impossível de se afirmar, pois pela história consta que em 1901 vieram uns gaúchos fugitivos e se estabeleceram as margens do rio Perimbó. Se já havia tropas transitando pela região, e ele (Horácio), contava que tinha 12 anos quando foi abandonado e considerando que em 1953 ele faleceu, com certeza já devia ter moradores na região.<sup>34</sup>

A versão de Seu Avelino é baseada nas pesquisas de um padre jesuíta chamado João Alfredo Rohr S.J. Segundo padre Rohr, num ensaio sobre os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, “Petrolândia começou”:



A sua história no ano de 1901, quando fugitivos gaúchos da “Guerra dos Maragatos”, vindos por Vacaria aos Campos de Lages, desceram a serra à procura de um refúgio seguro e se estabeleceram, em plena selva, às margens do Rio Perimbó, no mais completo isolamento. Foram eles Leriano Ferreira, Patrício Borges, João Alfredo Amado, Francisco Rui Prestes e Amado Saturnino Xavier, que aí fizeram as primeiras derrubadas.<sup>35</sup>

Padre Rohr, baseado em “testemunhos oculares”, apresentou também uma versão ligeiramente modificada sobre Horácio Coelho. Essa versão, ao que tudo indica, é desconhecida dos responsáveis pelo Histórico e pelo site da prefeitura. Segundo Rohr, Horácio Coelho, “vaqueiro dos campos de Lages, viu-se atacado de câncer, que lhe devorava o nariz. Como o mal se agravasse mais e mais, deixando-o horrivelmente desfigurado, o infeliz Horácio, já desesperado de poder curar-se, desceu a serra para ir morrer sozinho nas matas do Rio Perimbó, onde, na época, não existia habitação alguma

<sup>33</sup> MOMM, Avelino Dionísio. Entrevista concedida a Vivian Staroski e Paulo Rogério Melo de Oliveira em setembro de 2009. Seu Avelino nasceu em 1927, na localidade de Cerro Negro, em Ituporanga. Em 1935 mudou-se com a família para Perimbó (hoje Petrolândia). Aposentado, reside hoje no bairro estreito, em Florianópolis.

<sup>34</sup> Ibid.

<sup>35</sup> ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense. **Pesquisas**, Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 24, p. 3, 1971.



de homem branco”. Horácio foi então encontrado pelos “índios”, que se compadeceram do estado deplorável em que se encontrava. “Prepararam uma pasta de ervas, previamente socadas e maceradas” e colocaram na ferida. Aos poucos a ferida foi cicatrizando e Horácio melhorou. Mais tarde, foi morar em Petrolândia “e quando voltava de fazer uma caçada feliz, deixava pendurado num galho de árvore, um bom quarto de anta, para que os seus benfeitores, os índios, se regaliassem com aquela prêsa fácil”. Horácio, de acordo com padre Rohr, morreu e, 1953 e acha-se sepultado em Petrolândia.<sup>36</sup>

A versão do padre jesuíta, baseada em depoimentos que ouviu dos moradores de Petrolândia, difere de outros testemunhos que circulam na tradição oral da cidade. Esse desencontro de versões é, no mínimo, revelador do quão difuso é o “começo” de Petrolândia, especialmente a figura do “pioneiro”. É revelador também da escolha, da eleição que a prefeitura fez por uma versão, entre tantas disponíveis.

A busca pela origem do município não se fez sem controvérsias e questionamentos, especialmente quando a figura em questão não está ligada a colonização europeia. Apesar de levantar a possibilidade de ele não ser o primeiro, Seu Avelino não chega a formular uma crítica ao “pioneiro”. Mas encontramos uma obra, escrita por um padre Católico, que aponta outra origem para o município. Padre Eloy escreveu sobre Petrolândia do ponto de vista dos colonizadores o livro “Famílias Pioneiras de Salto Grande”. Salto Grande era o nome da cidade de Ituporanga e o padre/autor, no mesmo livro, inclui Petrolândia, Atalanta, Imbuia e Aurora. Padre Eloy representa os imigrantes alemães católicos, considerados por ele os verdadeiros pioneiros. Rejeita veemente que Horácio Coelho seja considerado “pioneiro”, dizendo que Horácio nada fez para o desenvolvimento da região.<sup>37</sup> O desenvolvimento só se efetivou quando o colono organizado chegou à região e começou a produzi na terra. Enquanto o município reconhece Horácio Coelho como pioneiro, por ter sido o primeiro, esta outra visão defende que Petrolândia só conseguiu se construir por força do imigrante, ou melhor, pelos descendentes que aqui se estabeleceram. Horácio Coelho era um caboclo e este culto a um caboclo provavelmente não agradou a todos. Em

---

<sup>36</sup> ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense. **Pesquisas**, Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 24, p. 6, 1971.

<sup>37</sup> KOCH, Eloy Dorvalino. Entrevista concedida a Vivian Staroski e Paulo Rogério Melo de Oliveira em maio de 2009. Padre Eloy é um historiador da colonização da região de Ituporanga e Petrolândia. Reside atualmente em Brusque.

entrevista, Padre Eloy nos disse que não aceita a fixação de um nome, ou a sagração de um homem, para falar da origem de Petrolândia. Percebe-se implícito na sua fala o discurso do colonizador, aquele que veio para dominar a natureza selvagem, civilizar, fazer surgir da selva casas, plantações, ruas, etc.

Outra versão sobre as origens do município, que não chega a contestar o pioneirismo oficial promovido pela prefeitura, vem da Igreja Luterana, numa espécie de panfleto histórico intitulado “Um Breve Histórico da Paróquia de Petrolândia”. O Histórico é distribuído aos membros da Igreja, e apresenta o passado sob outra perspectiva. “A colonização da Região de Ituporanga, informa o Histórico, iniciou-se no ano de 1914. Mas somente no ano de 1918 chegou o primeiro evangélico luterano de nome Carlos Jensen.” A colonização, segundo essa versão, veio de Alfredo Wagner, à época denominado Barracão, alcançou Ituporanga e, dali, “atingiu o Perimbó, atual Petrolândia”.<sup>38</sup> Na versão luterana, não se nega o pioneirismo de Horácio Coelho. Seu nome não é sequer citado. Faz-se uma breve alusão a um povoamento anterior, para destacar a chegada do “primeiro” evangélico luterano. Carlos Jensen, no “Breve Histórico”, representa o início da história do município na versão luterana. Depois dele, na esteira do seu pioneirismo, vieram as “famílias evangélicas”, que deram início a localidade de Rio do Jango. A narrativa prossegue com a construção da primeira escola, da chegada do primeiro pastor e a edificação da primeira Igreja. O que podemos constatar, sem pretender transformar a visão de Padre Eloy, ou “Breve Histórico” luterano em correntes de oposição ao mito de origem, é que as representações sobre o passado constituem-se dentro de um campo de lutas que engendram diferentes percepções do passado. Essas lutas refletem os valores praticados pelos sujeitos ou grupos sociais, que os projetam para o passado a fim de moldá-lo às suas necessidades e concepções. A luta pela memória, que é um aspecto da luta pelo passado, constitui também um campo de luta, de construção, de disputa de sentido. Para Jacques Le Goff “a memória colectiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes

---

<sup>38</sup> **Breve Histórico da Paróquia de Petrolândia.** Material avulso distribuído na Paróquia Evangélica de Petrolândia. O material, produzido pela IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), contém um breve histórico do município e circula entre os moradores da cidade.

dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência ou pela promoção”.<sup>39</sup>

A busca pela história de Petrolândia, especialmente sobre seu mito de origem, nos lembra o filme *Narradores de Javé* e as disputas sobre o passado e as memórias da comunidade de Javé. Distinguindo as diferenças e intenções entre a obra cinematográfica e o registro do passado, o filme nos ajuda a entender a construção do passado em Petrolândia. No filme os moradores do Vale de Javé acreditam que somente um passado heróico, numa terra de heróis, pode livrar a comunidade da construção de uma barragem que ameaça retirar o lugarejo do mapa. Os moradores então se mobilizam em torno de um narrador letrado, numa comunidade iletrada, que percorre o lugar em busca das memórias do passado conservadas na tradição oral. Na busca pela origem do lugar, a partir da qual se pretende narrar suas histórias, o narrador se vê diante de inúmeras versões do passado, que lhe são apresentadas pelos diferentes sujeitos de rememoração. Cada grupo quer lhe impor a sua versão do passado. Nestas versões, o fundador de Javé apresenta características tão distintas quantos são os grupos que reivindicam sua memória. O lugar transforma-se num campo de batalhas em torno das memórias do passado e do herói fundador.<sup>40</sup>

A tensão entre a versão oficial que consagrou Horácio Coelho, a contestação do padre Eloy, que identifica os imigrantes europeus como fundadores, e a versão luterana, centrada na figura de Carlos Jensen, é um combate pela memória local, nas modestas proporções de Petrolândia. Mas convém lembrar que a rememoração do passado e a afirmação de uma identidade local têm o seu reverso: o esquecimento. Se o “pioneiro” e as famílias dos colonizadores foram trazidos à memória, os xokleng, por exemplo, ficaram nos domínios do esquecimento. Os índios, identificados apenas como os primeiros habitantes, são descritos como elementos da natureza local, os habitantes naturais, exóticos, que antecederam o advento da civilização. A distinção entre primeiros habitantes e fundadores é clara. Os habitantes originários pertencem a um período selvagem, a uma natureza primitiva, viviam em grutas, andavam nus e assustavam os colonizadores. Os fundadores, ao contrário, são aqueles que trazem as

---

<sup>39</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p. 46.

<sup>40</sup> **NARRADORES DE JAVÉ**. Direção: Eliana Caffé. Brasil: Riofilme, 2003. (110 min.) son. color.

sementes da civilização e deflagram o processo de colonização. Eis o que distingue o índio do “pioneiro” e define o lugar de cada um na identidade coletiva.

Essa busca por um pioneirismo, associado nas cidades do Alto Vale a chegada dos colonizadores, merece mais atenção. Quando se elege um pioneiro, imagina-se que se esteja prestando uma homenagem a um vulto do passado que tenha contribuído de maneira significativa para a formação do lugar. Se observarmos mais atentamente, no entanto, perceberemos que, do ponto de vista do historiador, não é exatamente o homenageado que devemos mirar, mas aqueles que elegem o pioneiro e lhe prestam a homenagem. A noção de pioneirismo nos remete a um contexto histórico, do presente, que se volta ao passado em busca de uma origem, de um começo, a partir do qual se possa estabelecer uma linha de continuidade entre passado e presente. Identificada a origem, organiza-se a sucessão dos fatos que ligam linearmente o momento inicial ao presente. A noção de pioneirismo configura, assim, um discurso homogeneizador que faz a história fluir num *continuum*, ou numa marcha evolutiva, marcada pela constância, pela unidade e pela harmonia. Reúnem passado e presente, e a diversidade do tempo, “em uma totalidade bem fechada sobre si mesma”.<sup>41</sup> A história, assim entendida, e amarrada, transforma-se numa “cadeia contínua”<sup>42</sup> e imutável de acontecimentos perfeitamente encadeados. A sucessão de fatos, desencadeada a partir do marco de origem, tende a estabelecer uma continuidade evolutiva entre um momento inicial e um presente que rememora. No site de Petrolândia, os “dados históricos”, resumidos em sete parágrafos, criam uma linha de eventos para mostrar o desenvolvimento histórico do município. Depois de destacar o pioneirismo de Horácio Coelho e Jango Rodrigues, uma cadeia de eventos políticos é disposta em ordem linear:

Em 1934 foi constituída em Distrito Alto Perimbó, pertencente a Bom Retiro. Em 1948, com a emancipação do município de Ituporanga, desmembrando-se do município de Bom Retiro, Petrolândia com a denominação de PERIMBÓ, passou a ser distrito do novo município de Ituporanga. [...] Em 26 de julho de 1962, pela Lei Estadual 837, foi criado o município de Petrolândia.<sup>43</sup>

<sup>41</sup> FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 26.

<sup>42</sup> NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva**. Rio de Janeiro: Relume-Dumara, 2003.

<sup>43</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE PETROLÂNDIA – SC. Sistema desenvolvido em parceria com a Federação Catarinense de Municípios – FECAM e integrado à RedeCIM - Rede Catarinense de Informações Municipais, com o apoio da AMAVI. Dados Históricos do município de Petrolândia. Disponível em [www.petrolandia.com.br/](http://www.petrolandia.com.br/). Acesso em 12 out. 2010.

As referências ao passado, às memórias de uma comunidade, são um elemento fundamental na construção das identidades coletivas. Além de fortalecer o sentimento de pertencimento e a continuidade temporal, o apelo à memória tem por função essencial manter a coesão interna. No mundo contemporâneo, globalizado e homogeneizador, a identidade local funciona como um elemento de afirmação da singularidade de uma coletividade diante das outras que a rodeiam e como aglutinador na estruturação dos elos que criam um sentimento coletivo de pertencimento. Ser petrolandense é, além de compartilhar o mesmo espaço, ter um passado em comum, diferente do passado do município vizinho. Horácio Coelho, nesta perspectiva, torna-se um símbolo de unidade local. A história, da maneira como é acionada, é vista como a sucessão de eventos, devidamente selecionados, que liga harmonicamente o passado e o presente. Os acontecimentos, dispostos sem qualquer problematização, são naturalizados e transformados em “dados” que passam a identificar a cidade. O passado histórico, convertido em “dados históricos”, torna-se um catálogo de informações úteis, disponibilizado aos interessados.<sup>44</sup> Iniciativas como essa organizam o passado de um ponto de vista oficial e lhe conferem uma textura, uma imagem, um sentido histórico.

A busca pela origem, vista dessa perspectiva, estaria associada a um conjunto de valores e interesses que caberia ao historiador localizar. Daí a necessidade de buscarmos não a história do pioneiro, mas a da designação do pioneirismo. Dito de outra forma desloca-se o foco do personagem cultuado para o contexto em que este personagem passa a ser objeto de culto. O pioneirismo de Horácio Coelho, assim entendido, é uma invenção do presente,<sup>45</sup> uma criação oficial destinada a apontar o marco histórico inicial da cidade. Petrolândia, ou certa configuração política da cidade, num contexto regional de “resgate do patrimônio histórico” e de busca pelas origens dos municípios, volta para o passado em busca do seu momento inicial, entre o final da década de 1990 e início do século XXI. “As referências ao passado, de acordo com Michel Pollak, servem para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe

---

<sup>44</sup> Não é nossa intenção sugerir que a prefeitura não possa se utilizar dos registros históricos da maneira como o faz para divulgar o município. Existem diferentes usos da história, todos com a sua legitimidade. Nossa intenção é apenas problematizar o uso da história para a afirmação de uma identidade local.

<sup>45</sup> Usamos o termo “invenção” para afirmar o caráter subjetivista da produção histórica, tal como foi definido por Durval Albuquerque. Ver: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Baurú: Edusc, 2007.

uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, e sua complementaridade”.<sup>46</sup> Horácio Coelho, personagem quase lendário das narrativas orais da cidade, torna-se o pioneiro, o fundador, uma criação oficial destinada a demarcar a singularidade histórica do município em relação aos demais municípios do Alto Vale.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS: HORÁCIO COELHO, O ANTI-MODELO DO PIONEIRO**

É no mínimo curioso, e desafiador para o pesquisador, que numa cidade de colonização alemã o herói fundador seja um caboclo. Não conhecemos as origens de Horácio Coelho, de onde veio nem como chegou à região. Não era um colono “de origem”, não tinha ligações com as famílias importantes da cidade e não deixou rastros nem descendência. Talvez a dificuldade em apontar um fundador “de origem”, somado a necessidade de buscar uma origem, tenha levado a Prefeitura a recorrer à tradição oral do município que reteve o nome de Horácio Coelho como o primeiro homem branco que ali se estabeleceu. Vários moradores antigos da cidade, alguns deles testemunhos oculares, contam sobre as desventuras do caboclo Horácio. Contadas de geração em geração essas narrativas passam a compor o patrimônio imaterial da cidade.

Horácio tinha tudo para ser o anti-herói. Um caboclo desfigurado pelo coice de uma mula, que foi curado pelos índios. É uma figura fugidia, difusa, que sobrevive lendariamente na tradição oral da cidade. Seria um daqueles personagens anônimos, não fosse a prefeitura voltar-se para o passado em busca de uma origem, de um pioneiro. Do anonimato, Horácio Coelho é alçado à condição de fundador oficial, e torna-se um mito local, sem nunca pretender ter sido. Sua presença na região era acidental, fortuita. Foi abandonado pelos companheiros para morrer. Viveu solitário e, se considerarmos a perspectiva do empreendedorismo e do progresso material que dominam as abordagens oficiais da colonização, em nada colaborou para a colonização do lugar. Ele simplesmente estava lá.

A figura de Horácio não corresponde ao modelo do pioneiro típico. De acordo com o modelo recorrente, o pioneiro é um desbravador, que com dedicação e trabalho incansável transformou uma terra inóspita e “selvagem” numa área habitável e próspera.

---

<sup>46</sup> POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio. In: GOMES, Ângela de Castro; MOURA, Gerson; OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *Estudos históricos*, Editora Revista dos tribunais, São Paulo, v. 2 n 3, p. 9, 1989.



Depois de cumprida sua missão civilizadora, o pioneiro deixa um legado para a comunidade, um caminho pavimentado no rumo do progresso.<sup>47</sup> O discurso do pioneirismo, relacionado à colonização, é o discurso do trabalho imigrante que inaugura um espaço antes “desabitado” e funda ali um núcleo de civilização, ainda que estes espaços sejam habitados por grupos indígenas e populações caboclas. O que explica Horácio ter sido eleito pela memória oficial da cidade o pioneiro, foi, de acordo com o que indicam as pesquisas, a necessidade de se buscar no passado uma figura que identificasse ou demarcasse um começo. Na ausência de um nome relacionado às famílias migrantes alemãs, reconhecido como consensual, optou-se por Horácio, que é lembrado pelos moradores mais antigos como uma figura que já estava ali quando os primeiros colonos alemães chegaram. Ele é o pioneiro no sentido de que foi primeiro, embora existam controvérsias a respeito. No próprio site de Petrolândia, citado anteriormente, afirma-se, num parágrafo, que a região foi colonizada por gaúchos e catarinenses vindos do planalto serrano. No parágrafo seguinte Horácio e Jango são apontados como os pioneiros. Logo, conclui-se que mais importante do que saber quem chegou primeiro é apontar a figura de um pioneiro, de um marco inaugural a partir do qual se desenrolou a história do município. Se, por um lado, o caboclo Horácio não encarna a figura ideal do pioneiro, por outro, ele encarna o papel do personagem histórico inaugural, que marca, de acordo com a história oficial, o início de Petrolândia para a história. Mais do que um homem ou um sujeito histórico, Horácio tornou-se um personagem emblemático e simbólico.

#### **ARTIGO RECEBIDO EM 12/05/14. PARECER DADO EM 26/09/14**

---

<sup>47</sup> Ver, por exemplo, o estudo de Andréia de Cássia Heinst sobre memória e pioneirismo no Mato Grosso. HEINST, Andréia de Cássia. Memória e pioneirismo: batalha de narrativas em uma área de ocupação recente em Mato Grosso. **História, Imagem e Narrativas**, ano. 3, n. 5, set. 2007. Disponível em: <<http://www.historiaimagem.com.br/edicao5setembro2007/23-mem.pioneirismo-heinst.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.